

Sete chaves para a eleição argentina



Por MARIANO SCHUSTER & PABLO STEFANONI*

A vitória de Javier Milei levará a uma mudança cultural no país em linha com a sua ideologia ultracapitalista? Poderá transformar o apoio eleitoral em poder institucional eficaz?

1.

Javier Milei, um homem sem experiência política, conhecido pelos seus virulentos discursos antikeynesianos e pelo seu desprezo pela “casta” política, expressou, nas eleições argentinas, uma espécie de motim eleitoral antiprogressista. Este processo tem certamente particularidades locais, mas expressa um fenômeno mais amplo que transcende o país que acaba de elegê-lo. Se os fundamentos econômicos podem ser encontrados nas razões do inconformismo que levou parte dos cidadãos a votar em Javier Milei, em muitos casos, a expansão do libertarianismo também está ligada a um fenômeno global de emergência de discursos alternativos de direita *anti-status quo* que capturam a agitação social e a rejeição das elites políticas e culturais. E nem sempre a base para a expansão do direito é econômica.

A extrema direita constrói clivagens com base nas realidades locais e cresce em países com elevados níveis de prosperidade. Javier Milei foi incorporando muitos dos discursos destas direitas radicais globais, muitas vezes de uma forma pouco digerida, como aquele que postula que as alterações climáticas são uma invenção do socialismo ou do “marxismo cultural”, ou aquele que aponta que vivemos sob uma espécie de neototalitarismo progressista.

Em grande medida, o fenômeno Javier Milei cresceu de baixo para cima e durante muito tempo passou fora do foco dos cientistas políticos - e das próprias elites políticas e econômicas - e conseguiu colorir o descontentamento social com uma ideologia “paleolibertária” sem qualquer tradição na Argentina (a oferta criou sua própria demanda). Seus *slogans* “A casta tem medo” ou “Viva a liberdade, droga” foram misturados com uma estética rock que distanciou Javier Milei do entupimento dos velhos liberais-conservadores.

O seu discurso conectou-se com um espírito de “*que se vayan todos*” (deixem todos ir), a tal ponto que conseguiu transformar esse *slogan*, lançado em 2001 contra a hegemonia neoliberal, no grito de guerra da nova direita.

2.

Economista matemático, originalmente defensor do liberalismo convencional, Javier Milei converteu-se, por volta de 2013, às ideias da escola austríaca de economia na sua versão mais radical: a do americano Murray Rothbard. O crescimento político de Javier Milei foi impulsionado pelo seu estilo extravagante, pelo seu discurso obsceno contra a “casta” política e por um conjunto de ideias ultrarradicais identificadas com o anarcocapitalismo e desconfiadas da democracia.

a terra é redonda

Desde 2016, principalmente por meio de aparições na televisão, apresentações de livros, vídeos no YouTube ou aulas públicas em parques, Javier Milei conseguiu gerar uma forte atração entre inúmeros jovens, que passaram a ler diversos autores libertários e se tornaram sua primeira base de apoio. Após seu salto para a política em 2021, ao ingressar na Câmara dos Deputados, conseguiu apoios socialmente transversais, que incluíam bairros populares. Aí o seu discurso, que parecia saído de *Atlas Shrugged*, de Ayn Rand, conectou-se com o empreendedorismo popular e com a ambivalência - por vezes radical - destes setores em relação ao Estado. A pandemia e as medidas de confinamento estatal também alimentaram várias das dinâmicas pró-“liberdade” que Javier Milei incorpora.

3.

O apoio de Mauricio Macri, ex-presidente entre 2015 e 2019 e líder da “ala dura” da coalizão Juntos pela Mudança, foi decisivo para que Javier Milei pudesse abordar o segundo turno com possibilidades. Com o apoio de Mauricio Macri e de Patricia Bullrich (que havia sido relegada ao terceiro lugar no primeiro turno eleitoral), o discurso anticasta de Javier Milei - que parecia ter um teto de 30% dos votos - transformou-se no do “Kirchnerismo ou liberdade”, que era o lema de Patricia Bullrich.

Sua estratégia, a partir de então, foi expressar o voto anti-Kirchnerista. A partir dessa base tornou-se forte para enfrentar o peronismo. Mas, ao mesmo tempo, Javier Milei tornou-se enormemente dependente de Mauricio Macri. Este último viu na falta de estrutura e equipamento de Javier Milei a possibilidade de recuperar o poder após o fracasso do seu governo: o macrismo não só dará quadros ao nascente mileísmo, mas este último dependerá dos legisladores de Macri para alcançar uma governabilidade mínima.

4.

Após o primeiro turno, Javier Milei deixou de lado as suas proclamações mais radicais de privatização total do Estado, pois estas colidiam com as sensibilidades igualitárias e a favor dos serviços públicos de grande parte do eleitorado. Neste domingo, o candidato do *La Libertad Avanza* obteve resultados impressionantes na estratégica província de Buenos Aires, onde ficou apenas um pouco mais de um ponto atrás do peronismo. O caso de Buenos Aires é, além disso, sintomático: durante anos o peronismo fez questão de manter ali o seu bastião político-espiritual.

O fato da diferença ter sido pequena exige uma reconsideração do poder territorial histórico do peronismo na província - que em 2015 já tinha sido desafiado pelo macrismo - e, sobretudo, nas suas áreas mais empobrecidas. Javier Milei também varreu áreas do centro produtivo do país como Córdoba, Santa Fé e Mendoza, mas também venceu em quase todas as províncias argentinas. A grande questão é o que resta agora do seu programa mais radical, incluindo a dolarização da economia, que nunca terminou de explicar, ou o fechamento do Banco Central.

5.

Javier Milei conseguiu reverter a seu favor a derrota no debate presidencial. Naquele dia, Sergio Massa o derrotou quase por nocaute. Era o homem que conhecia o Estado de dentro para fora, que sabia para que câmara olhar e que “não tinha nenhuma bala que o atingia” apesar de ser ministro da Economia com uma inflação anual superior a 140%. À sua frente estava Javier Milei quase abatido, sem nenhuma habilidade como debatedor - longe de seu carisma particular nos comícios eleitorais, nos quais aparecia com uma serra elétrica e pedia “chutar a bunda dos políticos empobrecedores”.

Mas a vitória de Sergio Massa, como se viu, foi uma vitória de Pirro. Além de aparecer como um ministro da Economia que apenas “fingia demência”, representava como ninguém o tipo de político hiperprofissionalizado rejeitado por grande parte

a terra é redonda

do eleitorado. Na campanha, Sergio Massa incorporou uma espécie de frente de “casta”, com o apoio mais ou menos explícito de líderes da União Cívica Radical (UCR) e de setores moderados da centro-direita, como o prefeito cessante de Buenos Aires, Horacio Rodríguez. Javier Milei finalmente conseguiu transformar a “trollagem” antiprogressista em um projeto presidencial.

Após sua vitória em 19 de novembro, uma multidão saiu espontaneamente às ruas, como se fosse uma vitória no futebol. O voto em Javier Milei combinou o voto raivoso com um novo tipo de esperança, associado a um discurso com forte carga utópica e messiânica e a algumas proclamações reacionárias: Javier Milei apresentou-se, comparando-se até com o próprio Moisés, como um libertador da Argentina do “estatismo” e da “decadência”. Em apenas dois anos, ele deixou de ser uma espécie de Coringa, que convocava a rebelião em *Gotham City*, para se tornar um novo presidente inesperado. A estratégia de Javier Milei foi um turbilhão, muitas vezes errático, desordenado, mas eficaz e aglutinador da agitação. “As pessoas pagaram com seu voto para entrar em um novo programa com Javier Milei como protagonista”, escreveu o analista Mario Riorda em um *post* do X.

Como é que esta utopia irá aterrizar num programa governamental é a grande questão neste momento. Será algo mais que “macrismo 2.0”? Já está previsto que o seu gabinete será uma assembleia entre milleistas e macristas, com papel central par a Patricia Bullrich. Será também necessário perceber qual será o papel da vice-presidente Victoria Villarruel, uma advogada associada à direita radical, incluindo ex-militares da ditadura, e que é referida pela italiana Giorgia Meloni.

6.

A progressiva “micromilitância” dos últimos dias - pessoas comuns intervindo nos transportes públicos e outros espaços de massa - não foi suficiente para inverter uma onda que foi mais poderosa do que o esperado. Esta micromilitância, que enfatizou o negacionismo de Javier Milei - relativamente aos crimes da última ditadura, mas também às alterações climáticas - e às suas propostas contra a justiça social (que ele considera uma monstruosidade), procurou ser uma voz de alerta.

Mas não explicaram por que o projeto de Sergio Massa poderia ser atraente, apenas que uma votação de barreira era necessária para evitar a perda de direitos. Muitas dessas micromilitâncias progressistas acabaram apelando para uma defesa do sistema político (consustanciada pela proposta de Sergio Massa de “unidade nacional”), contra a qual o próprio Javier Milei havia montado com seu discurso “contra as castas”. Por outro lado, em vez de destacar as qualidades do candidato peronista (nas quais muitas vezes não acreditavam), a micromilitância alertou para o perigo “fascista” do seu adversário.

O próprio enfraquecimento do kirchnerismo fez com que estes discursos fossem muitas vezes inaudíveis ou percebidos como sermões para uma parte da população determinada a votar “no novo” - mesmo quando o novo poderia, de fato, ser um salto para o vazio. A isso se soma o fato de o mileísmo ter micromilitantes próprios, muitos deles digitais.

O resultado da eleição acabou sendo quase uma cópia carbono da eleição de Jair Bolsonaro contra Fernando Haddad em 2018. O “medo” que a campanha de Sergio Massa instalou enfrentou o “cansaço” da campanha de Javier Milei. O progressismo argentino enfrenta agora um equilíbrio destes anos; à necessidade da sua reinvenção num novo contexto político-cultural: uma potencial onda reacionária. “Estas eleições não representam apenas uma derrota do kirchnerismo, da *Unión por la Patria* ou do peronismo em geral. São acima de tudo uma derrota da esquerda. Uma derrota política, social e cultural da esquerda, dos seus valores, das suas tradições, dos direitos conquistados, da sua credibilidade”, escreveu o historiador Horacio Tarcus.

7.

a terra é redonda

A vitória de Javier Milei levará a uma mudança cultural no país em linha com a sua ideologia ultracapitalista? Poderá transformar o apoio eleitoral em poder institucional eficaz? Será que esta nova direita, produto da assembleia de libertários e macristas, conseguirá governar “normalmente”?

Se Milei deu a surpresa ao *Together for Change*, ele, no entanto, dependeu de Mauricio Macri e de Patricia Bullrich para obter os votos para o segundo turno. Javier Milei ganhou a presidência; Mauricio Macri ganhou poder político. Ele poderá fazer o ajuste radical que prometeu? Qual será a força da resistência - dos sindicatos e dos movimentos sociais - contra um governo que se situará muito à direita de Mauricio Macri (2015-2019) e que promete terapia de choque? Será que Javier Milei conseguirá construir uma base social para sustentar as suas reformas?

Depois das 22h de domingo, 19 de novembro, o presidente eleito recuperou o tom da barricada e feito histórico diante de seus seguidores. Aí apresentou-se como o “primeiro presidente liberal-libertário da história da humanidade”, referiu-se ao liberalismo do século XIX e repetiu que no seu projeto não há lugar “para gente morna”. Seus seguidores responderam cantando “*Que se vayan todos, que no quede ni uno solo*”.

*Mariano Schuster é jornalista.

*Pablo Stefanoni é professor de história na Universidade Nacional de San Martín. Autor, entre outros, livros, de *A rebeldia tornou-se de direita?* (Editora Unicamp).

Publicado originalmente na revista [Nueva Sociedad](#).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)